

Expediente


Presidente: Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente: Elmar Konrad
1º Diretor Administrativo: Francisco Lineu Schardong
2º Diretor Administrativo: Paulo Ricardo de S. Dias
1º Diretor Financeiro: José Alcindo de Souza Ávila
2º Diretor Administrativo: Domingos Lopes Velho

Sul Rural

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon

Jornalista responsável: Samuel Lima

Projeto gráfico: Gerson Raugust

Fotos: Tiago Francisco, Emerson Foguinho, Marco Quintana e arquivo

Colaboração: Alessandra Bergmann e Gerson Raugust
Circulação Mensal

Administração, redação e comercial:

Praça Saint Pastous, 125 / 4º andar

Porto Alegre/RS - Cep 90050-390

Fone: (51) 3214.4400 - Fax: (51) 3221.9113

site: www.sulrural.com.br

e-mail: sulrural@farsul.org.br

Editorial

Coragem para fazer mudanças

Ao longo das últimas semanas, a equipe do Sul Rural empenhou-se em um processo de tornar a leitura do veículo mais prazerosa — e a informação, mais organizada e atraente ao produtor. Afinal, a comunicação é eficiente apenas quando a mensagem é lida, compreendida e interpretada em sua totalidade, o que necessariamente passa pela exposição clara de conteúdo relevante. O jornal mudou, porque compartilha do espírito de transformação no Sistema Farsul neste início de 2019.

Houve modificações em todas as páginas, a começar pela capa. A nova logomarca do Sul Rural apresenta um design mais limpo e valoriza o verde, a cor do campo. A manchete (assim como os títulos internos das reportagens) traz mais impacto, com apoio da alteração de fonte. E as chamadas de conteúdo estão mais completas, ajudando na compreensão do que exatamente está sendo enfatizado em cada edição.

Na área interna, o destaque é a organização das matérias conforme o conteúdo, pela indicação de seções: *Institucional, Safras, Pecuária, Economia, Política e Tecnologia*, entre outras. Assim, o objetivo é melhorar a lógica de leitura (aproxima materiais semelhantes para serem lidos em sequência) e facilita a busca por alguma informação específica.

O jornal também reconhece antigos colaboradores — os escritores Blau Souza e Alcy Cheuiche — ao aperfeiçoar a apresentação desses conteúdos exclusivos, e tem o prazer de anunciar parceria com o Instituto

Nacional de Meteorologia (Inmet), para divulgação mensal de previsão de clima. Não há dúvida de que é uma informação valiosa para quem tanto depende desse fator para colher resultado.

Coincidência ou não, vários dos assuntos tratados nesta edição tratam de mudanças. A principal novidade é o detalhamento da proposta de política agrícola que está sendo construída por Farsul, CNA e o alto escalão do governo federal. Ela coloca o seguro agrícola no centro de uma transformação profunda no acesso ao crédito, que perdeu um quarto dos produtores brasileiros em apenas quatro anos.

Não é caso único: a prestigiada 29ª Abertura da Colheita do Arroz, em Capão do Leão, ficou marcada por um discurso de transformação da matriz produtiva, na falta de soluções para graves problemas da orizicultura, como endividamento, disparada no custo de produção, concorrência desleal com outros países do Mercosul e carga tributária elevada. Já os produtores de leite, que atravessaram crise profunda nos últimos tempos, pedem como novidade para o ano aquilo que deveria ser regra: estabilidade de mercado e segurança jurídica.

A experiência de reformulação do Sul Rural autoriza a afirmação singela de que mudar não é tarefa fácil. Envolve planejamento, determinação, trabalho e riscos. Assim como colocar nos eixos a agricultura brasileira, em proporções muito maiores, também exige boas doses de coragem e todo o resto.

Crônica

Terneiros, ciência e devaneios

Na edição de janeiro do Sul Rural, minha crônica saiu com título truncado. Ao invés de “Não vamos brigar por carrapatos”, saiu “Não vamos brigar com carrapato”, o que alterou significado e coerência com o texto. Feito o registro em atenção aos leitores, reafirmo como ideal a possibilidade de trabalhar sem carrapato, mas com gado carrapateado. Também reitero a noção de que vizinhos não devam brigar por causa do parasita. Após a pequena correção, passo a falar de coisas que aprendi com viagens e com o viver. Relato experiências no atender a chamados da área científica, sem jamais perder o pé da realidade, nem do pampa. Ainda moço, mas já casado e com dois filhos, morei em Cleveland (Ohio, USA) nos anos de 1971-1972. Fui para aperfeiçoamento dentro da cirurgia cardíaca, em hospital que liderava no mundo os procedimentos de revascularização do miocárdio. Ou seja, no centro que mais desenvolvera cirurgias para tratar o entupimento das artérias coronárias, as que nutrem o próprio coração. Alguns anos depois, voltei a Cleveland e tive oportunidade de conhecer na área de pesquisa, a cirurgia experimental, setor que não tivera tempo para frequentar nos tempos de fellow. Fiquei impressionado com a importância

que assumira a área dos transplantes e da substituição do coração por aparelhos mecânicos, totalmente artificiais, e que já então substituíam órgãos muito doentes de forma definitiva, ou até o surgimento de coração de doador compatível. Vários terneiros da raça holandesa viviam com corações artificiais, enfileirados dentro de laboratório-estrebria. Lembro o aparen-

Quantificar realidades embaraçosas é tarefa difícil e desagradável quando perduram por muito tempo. Isso acontece no convívio forçado com o carrapato e com a tristeza parasitária bovina.

te conforto deles, ruminando, apesar de parcialmente suspensos no ar e conectados a tubos, aparelhos e monitores. Um dos terneiros, entretanto, destoava dos demais. Magro, pelo sem brilho, fazia esforços para respirar. Alguém da equipe que assistia os animais disse-me que ele só usava um dos pulmões, pois o outro era totalmente ocupado por bolhas de

enfisema, coisa que passara despercebida na hora de selecionar animais sadios para serem sacrificados a longo prazo em nome da ciência. Imagens radiológicas não deixavam dúvidas quanto à presença de enormes bolhas de ar ocupando o espaço que deveria ser de um pulmão normal. Quem poderia pensar que aquele mamífero nascera com bolhas de enfisema? Tal alteração prejudicava a validade de dados obtidos e aceleraria o sacrifício do animal. Apesar disso, a necropsia seria útil ao revelar dados macro e microscópicos da integração dos tecidos do terneiro com o coração artificial. Sem deixar de ser cirurgião cardiovascular, nem produtor rural nas Lavras, fui assaltado por devaneios diante do que via. E terneiros retoçando pelas coxilhas do pampa pareciam bem mais felizes como futuros fornecedores de cortes especiais em supermercados, quando comparados com aqueles, ali na minha frente, destinados a serem mártires numerados de tabelas com anotações científicas.

Quantificar realidades embaraçosas é tarefa difícil e desagradável quando perduram por muito tempo. Isso acontece no convívio forçado com o carrapato e com a tristeza parasitária bovina. Certamente as unidades de carrapateamento sugeridas



Blau Souza
 Médico e escritor

por mim, podem ser melhoradas com período de tratamento planejado e que diminuam a incidência da doença; mas tudo tem de ser feito com assistência técnica adequada. Meu continuado interesse pelo bem estar animal e a necessidade de tornar viável e lucrativa a nossa pecuária exigem soluções que serão precárias enquanto não houver uma efetiva imunização vacinal contra tais males. A facilidade do carrapato em desenvolver resistência a tratamentos e o fato da tristeza parasitária não depender de um único agente etiológico infernizam a vida dos produtores. Mas com dose generosa de otimismo, acredito que ainda assistirei ao surgimento de vacina efetiva contra a tristeza parasitária, com embasamento molecular, sem riscos de propagar doenças. E talvez meus netos venham a tratar do carrapato como mera curiosidade histórica.